

## RAZÃO E DESRAZÃO EM BIRD BOX: MORTE E DOENÇA

### REASON AND DISAPPOINTMENT IN THE BIRD BOX: DEATH AND DISEASE

CLAYTON ALEXANDRE ZOCARATO<sup>1</sup>

**Resumo:** Bird Box representa uma manifestação da Cultura Pop, ao entrelaçar a espacialidade do medo, com os perigos de apocalipse ao qual não contenha uma explicação clara e racional mas sim estando dentro de parâmetros de traçar um sentido de que o terror pode ser tanto estético como psicológico. Malorie Hayes é uma personagem que visa tanto sua salvação, como uma redenção no sentido de uma nova “razão”, para humanidade, para que assim saia do caminho de sua “desrazão”, perante humanidade que já perdeu a empatia, e enxerga unicamente como fator principal de ainda conter algum existencialismo sadio. Josh Malerman deixa um enredo de pessimismo, quanto a celebração de uma nova sociedade, após um terror silencioso que vai transformando seus personagens em reféns de um unidade hermética quanto ao desenvolvimento de uma nova historicidade de harmonia e esperança. Sua literariedade está imiscuída de entender como ego é dialeticamente colocado a antagonicas formas de compreensão e julgamento perante os perigos da vida. Principalmente quando se procura na escuridão uma forma de preservar a vida bem, como a elaborar novos psicologismos perante uma literatura que é representada como sinal de perigo como de salvacionismo, perante o perigo iminente de extinção.

**Palavras Chave:** Medo, Terror, Espaço Hermético

**Abstract:** Bird Box represents a manifestation of Pop Culture, by intertwining the spatiality of fear, with the dangers of apocalypse, which does not contain a clear and rational explanation, but is within the parameters of drawing a sense that terror can be both aesthetic and psychological. Malorie Hayes is a character who seeks both her salvation and a redemption in the sense of a new “reason”, for humanity, so that she can get out of the way of her “unreason”, in the face of humanity that has already lost empathy, and sees only how main factor of still containing some healthy existentialism. Josh Malerman leaves a plot of pessimism, regarding the celebration of a new society, after a silent terror that is transforming his characters into hostages of a hermetic unit regarding the development of a new historicity of harmony and hope. His literacy is intertwined with understanding how the ego is dialectically placed in antagonistic ways of understanding and judging the dangers of life. Especially when looking for a way to preserve life well in the dark, such as how to develop new psychologisms in the face of literature that is represented as a danger sign as well as salvationism, in view of the imminent danger of extinction.

**Keywords:** Fear, Horror, Hermetic Space

Josh Malerman construiu uma imagística, em realçar os perigos de uma luta invisível, defronte o assombro da banalização da morte, e da vivência entre quatro paredes, que fazem de Bird Box, não somente uma obra de diversão leitora, mas que também alerta para os perigos de massificação, em levar uma subjetividade que não fique

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP com ênfase em Filosofia-Política e Formação e Consolidação de Governos Totalitários, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceuclar - Campus de São José do Rio Preto - SP, Especialista em Ensino de Filosofia, pela Universidade Federal de São Carlos (2015) - Ufscar - SP, Especialista em Psicopedagogia Institucional pela Fundepe - Unesp, Marília - SP (2017). Email – [claytonalexandrezocarato@yahoo.com.br](mailto:claytonalexandrezocarato@yahoo.com.br)

encarcerada exclusivamente, a uma individuação de preservação da saúde mental, perante o medo do desconhecido mas sim, a limitação de um espaço social coletivo e individual que faça um tecnicismo quanto a valorização **“do outro”**, tanto como forma de trocas sentimentais, como na construção de um equivalente, na eloqüência de uma consciência cíclica.

O sentido dos olhos fechados, que ao enxergar o desconhecido pode significar o fim da vida, faz um genótipo filosófico, quanto que a viver na escuridão pode vim a se constituir com um instinto de preservação, e que quando se enxerga a realidade, ela pode causar maiores brutalidade perante a elucidação do conhecimento, e que viver sem se compreender o que está realmente acontecendo, pode arquitetar caminhos para a conservação espiritual e corporal dos indivíduos, como também garantir sua vida corporal, em meio ao caos, sendo conservada mesmo de maneira precária.

Bird Box (2015), representa um paradigma epistemológico – literário de interpretações encurtidos, entre a ficção e a história atual, ao qual o desconhecido possui uma tessitura de julgar os destinos da humanidade, quanto a sua vulnerabilidade, bem como analisar caminhos, que coloquem em uma mesma evidência de análise semântica de como o ser - humano está agindo diante situações catastróficas onde sua liberdade ir e vir é limitada.

Durante o período de Pandemia do Covid-19, as limitações quanto ao direito de locomoção, levantaram questionamentos éticos acerca dos perigos, que tal isolamento social e psicológico poderia causarem, danos na saúde mental das pessoas, levando a uma estagnação da subjetividade, bem como angariarem enormes embaraços quanto à construção de uma **“ser lúcido”**, que estivesse focado em seu espaço – tempo, tendo noção de seus limites e de suas qualidades mentais e sociais.

Para dentro de uma comparação com a narrativa sombria de Malorie Hayes, estando outorgado simetrias que traçam uma historicidade entre uma gnose de descrença na humanidade, bem com os perigos a se lidar com o desconhecido.

O romance se constrói acerca de premissas de um fronte psicológico, onde a figura maternal de Hayes, se foca na representação da proteção de seus filhos, diante a uma Literatura, que contém em seu plantel estético, uma exploração dos labirintos do desconhecido, venha assim conter a humanização de seus sentimentos protecionistas, revelando a necessidade que as pessoas possuem em **“cartasis”** de uma reconfiguração socioespacial, fazendo elixir um olhar ético perante o **“outro”** onde as

peças venham a se importarem com a constituição e manutenção do seu sujeito, tanto na questão física como moral.

Bird Box, é um sinal de massificação e destruição das relações interpessoais, que fazem uma comparação entre o **“instante e o todo” (2009)**, usando de bases de Gaston Bachelard.

**“Nesse propósito, o ‘instante em se proteger do desconhecido, bem como se faz saber que nesse momento, pode ser, um último sopro de vida’**, já que explicitamente está inconstado a questão tanto da morte advinda de um inimigo invisível, como também a uma vontade extrema de eliminar dores e sofrimentos, que culminam por uma forte desconfiança das pessoas, perante seus semelhantes, acionando dispositivos neurológicos suicidas.

Hayes vive o **“macro- tempo”(FOUCAULT, 2003)** de um planeta que perdeu a sua lógica ética, de uma empatia um com o outro, que se destrói, e se distancia de um crescimento mental e espiritual que esteja melindrado, não somente ao espaço de proteção e comoção defronte situações de um cotidiano marcado pelo extermínio de seus semelhantes, em nicho laboral **“kantiano”(2005)**, da **“beleza não exclusivamente como forma de encantamento”**, e sim de ovacionar intersubjetividades entre as pessoas.

O uso das máscaras ao sair na rua, evitando se expor, ao **“vírus, constrói uma condição de vida, micro – espacial”( NEVES, 2020)**, possuindo um caminho de literatura realística que vai do entretenimento, para uma fenomenologia da percepção, de lembrar para a humanidade, a sua inferiorização diante unidades micro-celulares, que provocam alterações nas forma de se viver e compreender harmonicamente, e que a vida possui pulsões, que estão ornamentadas em muitos momentos somente para a sobrevivência da espécie. Hayes, sai de sua, alcova junto com os filhos, tendo que enfrentar um inimigo silencioso e sagaz, que paralelamente esta onipresente e onipotente a todos, que retira a naturalidade cotidiana das pessoas, deixando as escondidas, em sua identidade real, com o uso de utensílios de E.P.I (Equipamento de Proteção Individual) para a se protegerem, construído um espaço vivente repleto de massificações, quanto a uma condição de reunir empatia e alegria de maneira mútua.

Bird Box, é um enlace de uma narração pessimista aclamada por um afastamento da importâncias morais das pessoas, chegando a um cunho existencial, de somente fugir, e não atribuir, uma semiologia de alternativas, que possam responderem aos motivos que

levaram, a um confinamento e ao crescimento de glebas intelectuais repletas de lamento, na certeza de um espaço literário movente, que contenha diretrizes tanto para a diversão, como para o atrevimento de uma comparação com a história – presente, sendo um traçado de marcas quanto à singularidade de fazer da literatura um produto de análise científica da condição humana perante seus momentos de crise.

Bird Box possui um caminho de sobrenaturalidade mas não chega ser plenamente uma escritura de monstruosidade explícita, sim possui um espaço narrativo com um cunho de humanização dos personagens perante um, inimigo desconhecido aos olhos nus.

A praga ou a peste, ao contrário, por exemplo, de uma visão hospitalar empírica e imaginativa, onde está encarcerada a realidade calamitosa como a da cidade de Aral do romance de Albert Camus (2008), retratando como doentes e enfermos, constantemente estão inseridos em seu modus operandi de se viver diante a Peste Negra, fazendo que Hayes represente uma figuração de personagem centrada a um **“sentimento de superar a si mesmo”**, prosseguindo a uma fuga desesperada diante um inimigo, estando presente a todo o momento em sua conjectura social e moral, tendo que se proteger diante o uso de vendas, para não olhar em direção a morte, o que não deixa de afrontar uma tendência para um Totalitarismo Existencial quanto às ações de uma subjetividade que está na deificação de sua condição psiquiátrica, domiciliada em cima de um heroísmo fortemente a se questionar, como e porque, que a humanidade chegou a perder sua empatia, diante momentos de forte crise.

Dentro de um sistema do **“cronotopo” (2005)**, está uma espacialidade metafórica que esmiúça um **“tempo líquido”(2017)**, que perdeu sua locução quanto a uma narrativa que possa abordar um aditamento filosófico quanto a tecer uma ficção que ao invés somente entreter, instaura **“uma cultura do medo” (2003)**, usando das palavras de Noam Chomsky.

O **“medo”** se evidencia uma expressão de arquitetura narrativa, atribuindo que enquanto ao desconhecido, que impregna perder o controle de sua sanidade, e que a destruição bem como o clima apocalíptico deixa um cunho de aversão a um humanismo de empatia, onde o sentido **“darwinista de auto-proteção”**, ou seja Hayes é uma personagem da contra-cultura de uma massificação quanto a **“abrir os olhos”** para a importância de sentimentos afetivos, que possam ser demonstrado em momentos de normalidade, e não esperar um cataclisma patológico do suicídio coletivo, para nutrir

algunhas de uma existência individualista, fazendo um personagem que transita tato entre a coragem para lutar pela própria vida, como a fazer a propriocepção de conter o instinto maternal, em caminhar em um espaço físico e fenomenológico de proteção de sua prole, diante sua luta interna em manter sua razão, ao alvorecer de crescimento da desrazão coletiva, que tece a imagem de futuro distópico.

Essa **“cultura do medo”** que acompanha um sentido de fazer da Literatura de Destruição, um espaço de destruição, mas que também promulgue a esperança na construção de um coletivismo ético, ao qual as pessoas em momentos de crise, possam se apoiarem, uma nas outras, e também que venham a garantirem uma subjetividade que seja integrada dentro de diretrizes do respeito mútuo.

Essa mutualidade, que pode vim a forçar o crescimento **“da desrazão”** na elaboração de um **“tempo narrativo”** ao qual a fúria de Hayes em tentar voltar par um mundo que seja diferenciado, por admissões psicológicas que valorizem um estreito caminho de combater as misérias diante um **“fenótipo”** de destruição, que realize assim um novo simulacro para a reconstrução da **“razão”** contendo um semblante de buscar na loucura adjetivos que possam conter uma cartasis de aproveitamento de sanidade diante o desafio de se conservar o equilíbrio psíquico diante uma transgressão em suplantar medidas de um personalismo que seja assim sentenciado a entender que momentos de tormentos, não pode somente conter exemplos de lamentos.

Dentro das perspectivas do “romance histórico”, Bird Box está em um sentido analítico de tecer um espaço de ação **“em uma filosofia psiquiátrica da história” (TODD, 1981)**, onde as **“doenças mentais do isolamento remetem a clima apocalíptico” (BASTIDE, 1980)** em como se emoldurar defronte prognósticos de uma realidade do lar hermético, estando as pessoas forçosamente, presas o seu próprio mundo, mas tendo o horror à sua espreita, levando para um **“condicionamento de suicídio” (DURKHEIM, 2005)**, como também para uma distorção completa do que seria lícito ou ilícito.

A identidade cultural do confinamento gera debates em torno de uma **“liberdade vigiada” (ARENDE, 2005)**, ao qual se questiona quais seriam os desígnios do Estado, perante um biopoder de condicionamento dos corpos, dentro de um mesmo local de vivência limitando o contato pessoal e interpessoal, exalando configurações intelectuais de transliterações de racionalidades, em uma literariedade que excede para um conluio

de atitudes respeitadas defronte o **“outro”**, promovendo um véu de proteção biopsicossocial e também de desconfiança.

Uma literariedade que busca atingir um sentido estético de comoção para o leitor, mas que também foca um letramento que reúna uma síntese de interpretação somente destinado, aos signos, mas sim que perante os perigos de aniquilação da humanidade, fatores transculturais podem levar, a assimilação da morte, como um novo caminho para a construção de uma nova vida, mesmo que seja a manifestação de um suicídio, que mesmo contendo um cunho de alteração neurobiológica, também condensa uma escalada de engendrar uma história, que esteja arrojada na não limitação entre o que pode ser considerado como certo ou errado.

Um errado que fique na postulação de um **“Imperativo Categórico”** em uma conjectura em verificar na condição humana que seja formada durante momentos de crise, a espacialidade de produção de uma dialética que não fique encarcerada em conter argumentos nefastos, mas sim contenha um **“objeto”** de compreensão, para realização de ação, que não se determine como conluios para a fuga ou para a rebeldia.

Malerman, exala uma rebeldia, ao qual diante **“A Peste”**, possa vim a proliferar uma inteligência que saia do seu condicionamento a sair de um espaço existencial onde somente a dor se faça presente, sofrendo com temeridade em continuar na companhia constante do “medo”, e culmina por vivenciar o terror tanto mental como corporal da contaminação ou da destruição pelo que está lá fora.

O **“instante”** perfeito para uma racionalização de um ontologia, onde a necessidade venha acompanhada por alguma crueldade, na narração da fuga, que navegando por um Rio, se torna um sinal de Liberdade, mas que também submete metaforicamente a explosão de raiva perante um universo hermético, onde unicamente o poder do claustro, é o que se faz ouvido, perante as limitações de locomoção perante seu período de confinamento.

### **Considerações Finais**

A razão na desrazão está em uma territorialidade na arquitetura de um enredo mental, de sair do seu lugar de origem tanto fisicamente como metafisicamente, imperando lutas teleológicas contra o medo como um dos principais cunhos para a uma comiseração defronte um plantel, de transposição de um surgimento de confiança que já não existe mais, e sim, nutre a questão de fugir do mal, tendo no suicídio não mais como

uma opção e sim sendo praticamente um martírio ao qual um “**olhar errado e equivocado**”, pode sentenciar para as pessoas o seu fim sumário.

Se dentro de um cenário andrógono de confiança no outro, “**o ser se reinventou em uma forma hegeliana**”(1981), de fazer da história um comprometimento, tanto movente de abstração do real, como de absorção das limitações dos sapiens, perante inimigos que não contenham uma forma material definida, sendo a literatura de massa, eleva sua complexidade, de não ser um atributo de não manipulação das massas, mas sim que exalam uma leitura que esteja circunscrita, com a lógica social e psicológica respeitosa, diante grandes dilemas espirituais e emocionais que as pessoas enfrentam defronte um adoecimento psiquiátrico de maneira direta e indireta.

## Referências

- ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. São Paulo, Forense Universitária: 2005.
- BACHELARD, Gaston. **A Intuição do Instante**. Campinas, Verus: 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e Estética**. São Paulo, Hucitec: 2005.
- BASTIDE, Roger. **Sociologia das Doenças Mentais**. São Paulo, Edusp: 1980.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: Rio de Janeiro, Zahar: 2017.
- CAMUS, Albert. **A Peste**. Rio de Janeiro, Bestbolso: 2008.
- CHOMSKY, Noam. **Onze de Setembro**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil: 2003
- DARWIN, Charles. **Origens das Espécies**. São Paulo, Escala: 2005.
- DURKHEIM, Emile. **O Suicídio**. São Paulo, Martin Claret: 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Graal: 2003.
- HEGEL, Georg. **Textos Escolhidos**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 1981.
- KANT, Immanuel. **Crítica a Razão Pura**. São Paulo, Martin Claret: 2005.
- MALERMAN, Josh. **Bird Box**. Rio de Janeiro, Intrínseca: 2015.
- MERLEAU PONTY, Maurice. **O Visível e o Invisível**. São Paulo, Nova Cultural: 1987.
- NEVES, José Roberto de Castro. (Org.) **O Mundo Pós – Pandemia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

TODD, Emmanuel. **O Louco e o Proletário**. São Paulo, Ibrasa: 1981.

Recebido em 27/04/2021

Aprovado em 13/05/2021